



ANA MARIA CAMPOS
anacampos.df@dabr.com.br

Orçamento do DF de 2025 deve superar R\$ 62,6 bilhões

O Orçamento do Distrito Federal para 2025 deve superar os R\$ 62,6 bilhões. Esse valor leva em conta as receitas do Tesouro e do Fundo Constitucional do Distrito Federal (FCDF). O próximo ano tem previsão de provimento para mais de 30 mil cargos. As informações foram divulgadas durante audiência pública realizada na manhã desta quarta-feira pela Comissão de Economia, Orçamento e Finanças (CEOF) da Câmara Legislativa. O evento teve o objetivo de debater o projeto de Lei de Diretrizes Orçamentárias (PLDO) para 2025 (PL 1.108/2024).

Receita do DF deve aumentar acima da inflação

A previsão é de que as receitas do Tesouro superem R\$ 38,1 bilhões, o que representa crescimento de 6,24% em relação ao que foi estimado na Lei Orçamentária de 2024. Desse valor, quase R\$ 23,6 bilhões são provenientes de impostos, taxas e contribuições de melhoria, com aumento de 8,46% sobre o ano de 2024. Ou seja, a expectativa é de crescimento para as receitas tributárias acima da inflação projetada para o período.



Cairo Gomez

Fundo Constitucional vai crescer R\$ 1,2 bilhão

O Fundo Constitucional (FCDF) terá crescimento acima de R\$ 1,2 bilhão, equivalente a 5,4%, levando a um total de R\$ 24,528 bilhões.

Desse valor, serão destinados para a área de segurança R\$ 11,33 bilhões, enquanto o investimento em saúde será de R\$ 7,4 bilhões e na educação R\$ 5,78 bilhões.

R\$ 4,5 bilhões

Segundo o secretário de Governo, José Humberto Pires, essa é a previsão de investimentos para 2025

Justiça repassa R\$ 180 milhões para o RS

Os tribunais brasileiros repassaram à Defesa Civil do Rio Grande do Sul, até o momento, R\$ 179.192.419,45 em auxílio à situação de emergência provocada pelas chuvas que causaram a maior tragédia ambiental do país. O repasse emergencial dos valores foi autorizado pelo Conselho Nacional de Justiça (CNJ). Os recursos são provenientes de verbas pecuniárias repassadas por tribunais de todo o país, que se somam à destinação feita pelos Juízos das Varas de Execuções Criminais (VECs) das comarcas gaúchas e pelo Grupo de Monitoramento e Fiscalização do Sistema Carcerário (GMF) do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul (TJRS). O volume total repassado pelos tribunais estaduais está em R\$ 94.440.666,73, enquanto a Justiça Federal encaminhou R\$ 45.578.705,13. Já as comarcas do próprio TJRS arrecadaram R\$ 36.109.594,67.

Arquivo pessoal



Redes sociais



Novos integrantes do Instituto Histórico e Geográfico do DF

Duas personalidades extremamente vinculadas à história de Brasília vão tomar posse, em 19 de junho, como acadêmicos do Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal: a escritora Leiliane Rebouças, autora do livro *Vizinhos do Poder*, que preserva a história da Vila Planalto, e o ex-presidente do Tribunal de Contas da União (TCU) Valmir Campelo, que foi administrador regional de várias cidades e senador, além de ministro do TCU. Os acadêmicos Carlos Hugo Studart Corrêa e Maria de Lourdes Abadia farão a saudação.

Zeca Ribeiro/Câmara dos Deputados



Bia Kicis assume relatoria do projeto "Diretas já na OAB"

A deputada federal Bia Kicis (PL-DF) foi designada relatora do Projeto de Lei 1123/2022, que altera o Estatuto da Advocacia (Lei nº 8.906/94) e estabelece as eleições diretas para a diretoria do Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB). O projeto, de autoria do ex-deputado Guiga Peixoto (PSC-SP), estava parado desde maio de 2022. Na última quarta-feira, houve um ato na Câmara organizado pelo advogado Everardo Gueiros, um dos defensores da proposta de eleições. Para Gueiros, especialista em direito eleitoral e ex-desembargador do TRE-DF, é inconcebível que a Presidência da OAB ainda seja escolhida de forma indireta. "Depois de 40 anos de eleições diretas no Brasil, a Ordem ainda não tem eleições abertas para a escolha do presidente e da diretoria", destaca o advogado.

Trabalho reconhecido

Na entrega da Medalha Amigo da Primeira Infância, na última quarta-feira, na Câmara dos Deputados, deputada Paula Belmonte (Cidadania) não economizou emoção. Primeira parlamentar a receber a honraria, desde que a premiação foi instituída, em 2021, a distrital se consolida como uma referência nacional na defesa dos direitos da primeira infância — crianças de 0 a 6 anos. De verde, cor associada a essa faixa etária, Paula falou a maior parte do tempo com a voz embargada. "Tenho certeza de que a partir do momento em que o Brasil despertar para a política da primeira infância, vamos mudar a realidade de muitas crianças!", destacou a parlamentar, acompanhada pelo marido, a mãe, os cinco filhos e rodeada pela deputada Laura Carneiro (PSD-RJ), que reforçou a importância do trabalho realizado por Belmonte, quando assumiu a causa da primeira infância, na Câmara Federal.

Divulgação



Divulgação/Assessoria Hamilton Mourão



Mourão recebe integrantes do Corpo de Bombeiros do DF que atuaram no RS

O senador Hamilton Mourão (Republicanos-RS) recebeu nesta semana em seu gabinete no Senado parte do grupamento de militares do Corpo de Bombeiros do Distrito Federal (CBMDF) que ajudou nos resgates às vítimas das enchentes no Rio Grande do Sul. A equipe atuou em diversas frentes de ações de busca e de salvamento, socorrendo cerca de 270 adultos e 20 crianças, durante 15 dias do mês de maio, em São Leopoldo e Bento Gonçalves.

Ajuda humanitária

Os bombeiros do Distrito Federal que fizeram parte da missão realizaram busca e resgate em estruturas colapsadas, prestaram ajuda humanitária a 82 pessoas, realizaram atendimentos a 132 pacientes que se encontravam em abrigos e resgataram 98 animais em situação de risco. O senador Hamilton Mourão, ex-vice-presidente da República, ressaltou, no plenário do Senado, a importância do trabalho realizado pelos integrantes do Corpo de Bombeiros do Distrito Federal que se deslocaram da capital em socorro ao Rio Grande do Sul. "Não podia me furtar de enaltecer o trabalho realizado, demonstrando, claramente, a solidariedade de todo povo brasileiro com o ocorrido em meu estado", afirmou o senador gaúcho.

Acompanhe a cobertura da política local com @anacampos_cb

» Entrevista | LARISSA POLEJACK | PROFESSORA DO DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA DA UnB

Especialista fala sobre como o uso exagerado de tecnologia afeta a saúde mental e gera dificuldade em estabelecer conexões afetivas

Excesso de telas prejudica a mente

» LUIS FELYPE RODRIGUES*

A tecnologia ajuda as pessoas em diversos aspectos, mas o uso excessivo dela pode gerar problemas para a saúde mental dos usuários. O alerta é da professora do Departamento de Psicologia Clínica da Universidade de Brasília (UnB) Larissa Polejack. Ao CB.Saúde — uma parceria entre o Correio e a TV Brasília — de ontem, a psicóloga, que também é e diretora de Atenção à Saúde da Comunidade Universitária do Decanato de Assuntos Comunitários, falou ainda às jornalistas Sibele Negromonte e Mila Ferreira sobre os traumas que ocorrem após grandes desastres.

Durante a pandemia da covid-19, a tecnologia, de certa forma, uniu as pessoas, mas, por outro lado, causou um certo estranhamento. Quais são os efeitos do excesso de telas?

É muito importante essa palavra que você usou, o excesso. É claro, vivemos em um mundo onde precisamos de tecnologia. Ela é importante, nos ajuda com acesso ao conhecimento, pode

nos colocar em contato com pessoas que estão longe. E, de fato, durante a pandemia, a tecnologia nos possibilitou manter nossas relações afetivas. Mas fomos desaprendendo o outro lado, que é estabelecer conexões afetivas relacionais cara a cara com outras pessoas. Ao mesmo tempo em que a tela nos abre caminhos para outras possibilidades, ela também pode funcionar como um muro que impede a nossa disponibilidade afetiva de estarmos em relação com os outros no aqui e agora.

Essa dificuldade de estabelecer conexões afetivas causa quais problemas?

À medida que vamos desaprendendo a estabelecer conexões afetivas e vínculos, vamos enfraquecendo e ficando pobres emocionalmente. Isso tira dos indivíduos a capacidade de resiliência, empatia e cuidado uns com os outros. É muito importante que consigamos dividir e diminuir o tempo de tela — acesso a aparelhos tecnológicos. Existem até campanhas sobre isso — Menos Telas Mais Coração, Menos Telas Mais Afeto, Menos Tela Mais Presença —, é o que estamos precisando.

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Como os grandes desastres, como a pandemia de covid-19 e as enchentes do Rio Grande do Sul, afetam a saúde mental das pessoas?

Nossa! Afetam muito. Um desastre, seja ele qual for, já traz um impacto. Um desastre natural na dimensão que as enchentes tomaram no Rio Grande do Sul, o número de pessoas afeta-

das, e não só isso, mas o tempo de exposição a isso, afeta demais a saúde mental. É muito importante investirmos nesse cuidado. Graças a Deus, temos agora um Ministério da Saúde atuante. Desde o primeiro momento já tem uma equipe de saúde mental, de atenção psicossocial trabalhando lá. Mas é uma equipe que precisa de apoio, retaguarda

É importante cuidar dos profissionais que estão na linha de frente também. O ministério está oferecendo alguma ajuda psicológica?

Sim, o Ministério tem atuado muito fortemente junto aos profissionais de saúde. São as pessoas que foram no primeiro momento, pois muita gente se deslocou para lá, e o ministério tem mantido equipes na região constantemente. A UnB se ofereceu para esse apoio de retaguarda, pois este é o momento de fortalecer as redes de proteção, cuidado e solidariedade.

Agora, está todo mundo mobilizado pelo RS, mas a tendência é que as coisas esfriem, como ocorreu com a



Aponte a câmera do celular e acesse o conteúdo completo

covid-19, e a saúde mental é algo que não dá para descuidar.

Não dá para negligenciar. Na época da covid-19, falamos das fases de resposta que temos em uma crise sanitária. Falamos que a última fase é de recuperação, é onde aprendemos com aquilo que vivenciamos para nos anteciparmos e criarmos uma estrutura, caso aconteça algo semelhante. Infelizmente, observou-se, ao longo de todo o enfrentamento da pandemia, não só aqui no Brasil, mas especialmente no nosso país, um negligenciamento absurdo da saúde mental. Vimos no início da pandemia a OMS falando da importância dos países investirem em ações de promoção de saúde mental, justamente para mitigar o impacto que a pandemia traria, e seguir investindo nisso. Não só não investimos para mitigar, como não completamos essa fase de recuperação.

* Estagiário sob a supervisão de Malícia Afonso